



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Educação Ambiental
Sinop, v. 12, n. 2 (31. ed.), p. 331-340, ago./dez. 2021
ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

EDUCAÇÃO INTERCULTURAL CRÍTICA E ANTIRRACISTA: concepções e práticas nas escolas da cidade de Sinop, Mato Grosso¹

CRITICAL AND ANTI-RACIST INTERCULTURAL EDUCATION: conceptions and practices in schools in the city of Sinop, Mato Grosso

Gabriela de Oliveira Melo

RESUMO

O presente artigo buscou apresentar concepções e práticas de educação intercultural e antirracista da cidade de Sinop, Mato Grosso. Os autores que embasaram a pesquisa foram Kabengele Munanga, Nilma Lino Gomes, Darcy Ribeiro, Vera Maria Ferrão Candau e Ivanilde Guedes Mattos. A metodologia baseou-se na abordagem qualitativa, por meio de entrevistas realizadas no primeiro semestre de 2021 com professoras das seguintes instituições: Escola Estadual Edeli Mantovani, EMEB Rodrigo Damasceno e EMEB Armando Dias. Foi possível problematizar quais são concepções e práticas pedagógicas desenvolvidas nessas escolas de Sinop, sobre os temas diversidade cultural, raça, racismo, discriminação e preconceito, e questionar se existe o atendimento ao que prescreve a legislação educacional sobre o tema.

Palavras-chave: Educação antirracista. Práticas. Escolas. Educação intercultural.

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso Intitulado **EDUCAÇÃO INTERCULTURAL CRÍTICA E ANTIRRACISTA DOS POVOS AFRODESCEDENTES: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS NAS ESCOLAS DA CIDADE DE SINOP-MT**, sob a orientação do Prof. Dr. Aumeri Carlos Bampi, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop 2021/2.

ABSTRACT²

This article sought to present concepts and practices of intercultural and anti-racist education in the city of Sinop, Mato Grosso. The authors who supported the research were Kabengele Munanga, Nilma Lino Gomes, Darcy Ribeiro, Vera Maria Ferrão Candau and Ivanilde Guedes Mattos. The methodology was based on a qualitative approach, through interviews conducted in the first half of 2021 with teachers from the following institutions: Edeli Mantovani State School, Rodrigo Damasceno Municipal School of Basic Education (EMEB) and Armando Dias Municipal School of Basic Education (EMEB). It was possible to question what the pedagogical conceptions and practices are developed in these schools in Sinop, on the themes of cultural diversity, race, racism, discrimination and prejudice, and questioning whether there is compliance with what is prescribed by the educational legislation on the subject.

Keywords: Anti-racist education. Practices. Schools. Intercultural education.

Correspondência:

Gabriela de Oliveira Melo. Graduanda em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL).

Sinop, Mato Grosso Brasil. E-mail: gabriela.melo@unemat.br

Recebido em: 8 de novembro de 2021.

Aprovado em: 29 de novembro de 2021.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/4541/3063>

1 INTRODUÇÃO

Este estudo visa apresentar uma análise da educação antirracista no contexto da Educação Básica. O objetivo geral deste estudo foi o de buscar analisar quais as concepções e as práticas pedagógicas trabalhadas por educadores(as) em escolas da cidade de Sinop, e se os mesmos observam o cumprimento da legislação

² Resumo traduzido pela professora Indianara Luzia Peron. Graduada em Licenciatura Plena em Letras - Português/Inglês, pela Unemat/Câmpus de Sinop, 2016.

brasileira no que se refere ao desenvolvimento de uma educação intercultural crítica e antirracista.

A ideia central da investigação é fruto de uma inquietação que nasceu a partir de observações pessoais sobre atos e situações de racismo e de discriminação de forma encoberta, oculta e subjetiva, tanto no meio educacional sinopense, quanto no meio social local. Justifica-se o tema também em razão de que vivemos num tempo no qual há bastante debate sobre a diversidade cultural e sua importância no contexto social. Portanto, a pluralidade cultural, o multiculturalismo brasileiro é uma riqueza que pode ser valorizada e preservada como uma possibilidade de coexistência respeitosa.

A pesquisa foi desenvolvida com base em uma concepção qualitativa. Foi realizada uma pesquisa de campo por meio de entrevistas, as quais foram realizadas com professoras que atuam efetivamente em escolas municipais e estaduais, durante o primeiro semestre de 2021, por meio dos aplicativos de redes sociais e comunicação *Google Meet* e *WhatsApp*, tendo assim a finalidade da interação e respaldo de uma entrevista presencial.

2 BREVE RETROSPECTIVA HISTÓRICA SOBRE A ESCRAVIDÃO E ORIGENS DO RACISMO

A escravidão no Brasil teve início no ano de 1535 e persistiu até o ano de 1888, com base nas medidas da colonização, bem como no processo de constituição das atividades econômicas do Período Imperial brasileiro. Primeiramente, aconteceu com os indígenas no contexto do estabelecimento das capitanias hereditárias, e em seguida com a presença dos negros africanos, trazidos pelos portugueses na condição de objetos de compra e venda e de mão de obra ao trabalho que servia de base ao processo mercantilista. A inserção forçosa dos povos africanos pelos portugueses, em forma sistemática de escravidão trouxe imensuráveis consequências: violência sexual, violência cultural, altos índices de mortes e trabalho forçado (FAUSTO, 2006, p. 40). Neste contexto, Schwartz afirma que:

Os colonizadores tinham conhecimento das habilidades dos negros, sobretudo por sua rentável utilização na atividade açucareira das Ilhas do Atlântico. Muitos escravos provinham de culturas em que trabalhos com o ferro e a criação de gado eram usuais. (SCHWARTZ, 1988, p. 50).

Um dos direitos primordiais para a estruturação de um país é a Educação escolar igualitária, universalizada, para que todos os indivíduos e povos de pertencimento de uma nação sejam tratados de forma justa. Nesse sentido, a professora e pesquisadora Vera Candau comenta:

A escola tem um papel importante na perspectiva de reconhecer, valorizar e empoderar sujeitos socioculturais subalternizados e negados. E esta tarefa passa por processos de diálogo entre diferentes conhecimentos e saberes, a utilização de pluralidade de linguagens, estratégias pedagógicas e recursos didáticos, a promoção de dispositivos de diferenciação pedagógica e o combate a toda forma de preconceito e discriminação no contexto escolar. (CANDAU, 2011, p. 13)

A escola recebe todos os dias uma grande quantidade de membros oriundos de culturas distintas e de grupos étnicos distintos. Dessa maneira, é importante que a mesma seja um local de acolhida, receptivo para todas as culturas, onde as diferenças culturais se tornem consideradas e valorizadas por todos, quer seja uma diferença física, cultural, étnica ou econômica. Nessa perspectiva, Santos afirma que:

[...] a identidade é construída na concretização dos significados e experiências de um grupo com base em atributos culturais inter-relacionados que prevalecem sobre outras fontes significativas, no entanto, sem exclusão destas últimas. O tensionamento das relações estabelecidas do eu com os outros é que vai nortear o autoconhecimento, enquanto elemento primordial para a formação da própria identidade. (SANTOS, 2008, p. 11).

Para Munanga (s.d.), o racismo, em uma perspectiva filosófica, pode ser definido como um preconceito a um “grupo racial”, quando um grupo social predominante se sente no direito de se separar do outro grupo por causas históricas, ou por possuir tradições dissemelhantes. Esse grupo transforma-se em um grupo predominante, construindo assim uma ideologia de superioridade em relação a outro grupo. Para melhor compreensão, é preciso buscar entender o termo:

Criado por volta de 1920, o racismo enquanto conceito e realidade já foi objeto de diversas leituras e interpretações. Já recebeu várias definições que nem sempre dizem a mesma coisa, nem sempre têm um denominador comum. Quando utilizamos esse conceito em nosso cotidiano, não lhe atribuímos mesmos conteúdo e significado, daí a falta do consenso até na busca de soluções contra o racismo. Por razões lógicas e ideológicas, o racismo é geralmente abordado a partir da raça, dentro da extrema variedade das possíveis relações existentes entre as duas noções. Com efeito, com base nas relações entre “raça” e “racismo”, o racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. (MUNANGA, s.d., p. 7-8).

Ainda nos dias atuais, apesar de toda repercussão sobre a temática do racismo nas mídias, muitas pessoas ainda sofrem ataques racistas em nosso país, e quando nos deparamos com situações de racismo no Brasil, é possível perceber uma grande negação na construção da sociedade brasileira, visto que o povo brasileiro possui uma formação sociocultural altamente diversa, fruto de uma grande miscigenação de culturas, línguas e raças. Neste contexto, o antropólogo Darcy Ribeiro afirma:

Nós, brasileiros, somos um povo em ser impedido de sê-lo. Um povo mestiço na carne e no espírito, já que aqui a mestiçagem jamais foi crime ou pecado. Nela fomos feitos e ainda continuamos nos fazendo. Essa massa de nativos viveu por séculos sem consciência de si [...] assim foi até se definir como uma nova identidade étnico-nacional, a de brasileiros[...] (RIBEIRO, 1995, p. 89).

O Brasil, sob a ótica eurocêntrica, oficializa uma cultura que, quando confrontada com a própria história, sequer traduz os fatos da realidade, porque oficializa não somente a voz do vencedor, mas silencia a voz dos vencidos e oprimidos. É possível observar essas situações em relação aos povos indígenas, afrodescendentes, migrantes, entre outros povos. À vista disso, atitudes racistas não deveriam existir por parte da própria população, uma vez que nossas origens advêm de uma grande mestiçagem de culturas.

3 METODOLOGIA

Partimos da proposta de analisar o cotidiano no ambiente escolar de alguns educadores da cidade de Sinop, Mato Grosso, sob o contexto do racismo, discriminação, segregação e exclusão. Foram entrevistadas cinco docentes da Educação Básica, na cidade de Sinop, durante os meses de maio e junho de 2021.

Para identificar a análise, as entrevistadas foram nomeadas pelas letras A, B, C, D e E. As mesmas possuem de 3 a 10 anos de atuação na educação. Vale ressaltar que as respostas foram obtidas através de gravações, que logo em seguida foram transcritas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um dos primeiros questionamentos propunha saber se, enquanto docente, vivenciou, em algum momento da atuação escolar, atos de preconceito, racismo, discriminação e exclusão de crianças negras.

Em relação ao cotidiano das crianças negras no ambiente escolar, a professora A relatou situações de preconceito que já presenciou.

(01) Professora A: Sim, já presenciei! Essas palavras, elas ocorrem todos os dias na vida de uma pessoa negra. Como adulto, você sabe administrar. A criança sabe perceber, mas ela tem dificuldade de entender o que é preconceito, o que é discriminação, entre outros.

Partindo dessa experiência, a autora Abramowicz afirma que:

O racismo presente na educação infantil aparece de forma um pouco distinta daquela encontrada no ensino fundamental. Enquanto na escola o desempenho escolar mais baixo das crianças negras é fator identificador do racismo no ensino fundamental, na educação infantil, o racismo aparece nas relações afetivas e corporais entre adultos e crianças e nas brincadeiras espontâneas destas, já que sabemos que o jogo é uma prática fundamental nessa faixa etária. Mas devemos considerar que essas situações também podem ser encontradas nas crianças e nos adolescentes do ensino fundamental e médio. (ABRAMOWICZ, 2006, p. 68).

Ou seja, a educação básica é responsável pela inserção da criança ao mundo. É nas vivências do cotidiano escolar que a mesma já consegue ter um

contato mais diário com o convívio social, constituindo valores importantes da socialização como o respeito e a convivência.

Posteriormente, indagamos a professora E sobre a autoestima das crianças negras.

(02) Professora E: Geralmente as crianças com mais fenótipos negros já vem de uma família com autoestima baixa, por tudo que já enfrentou, muitos não conhecem personalidades negras bem sucedidas [...] não é possível ter/manter a autoestima sendo esmagado todos os dias por um sistema racista e opressor que te joga na sarjeta o tempo todo. Quando a criança vê que a maior parte das pessoas que estão no presídio, nas ruas, na miséria possuem as mesmas características que ela, mas os que possuem riquezas, fama, são considerados bonitos e inteligentes não possuem.

A discriminação racial e, conseqüentemente, a baixa autoestima das pessoas negras está enraizada na cultura da nossa sociedade. Nesse sentido, Munanga afirma que:

Estamos em um país onde certas coisas graves e importantes se praticam sem discurso, em silêncio, para não chamar a atenção e não desencadear um processo de conscientização, ao contrário do que aconteceu nos países de racismo aberto. O silêncio, o implícito, a sutileza, o velado, o paternalismo são alguns aspectos dessa ideologia. (MUNANGA,1996, p. 220-221)

Foi questionado, também, sobre a questão dos povos afrodescendentes e suas datas “comemorativas”.

(03) Professora E: Quando o dia da consciência negra leva professores a surtarem porque tem que preparar atividades relacionadas ao tema, ao invés de perceber que estão tendo a oportunidade de educar as crianças para que sejam menos intolerantes e preconceituosos que os adultos, é porque falhamos. Quando uma criança negra só tem oportunidade de se apresentar no dia da consciência negra e nos demais dias do ano é invisibilizada, é porque falhamos. Quando a discussão séria é deixada de lado, quando a violência, a exclusão, a discriminação e o

preconceito só são intoleráveis nesta data é porque falhamos muito. Precisamos ressignificar essa data e fazer com esteja presente enquanto luta e resistência todos os dias letivos.

Ou seja, identificar e admitir que somos uma sociedade com a presença do racismo, e que, por consequência, o ambiente escolar se torna racista também, é um grande avanço para a formação de uma escola libertadora. Ou seja, no calendário escolar essa questão de datas comemorativas não necessariamente precisa evoluir, mas sim ser incluída no cotidiano pedagógico da escola. Visto que a identidade racial ainda nos dias atuais é desvalorizada, o ensino e a presença da cultura afro nas salas de aulas e no ambiente escolar podem trazer aproximação e reconhecimento, possibilitando, assim, situações de respeito entre as crianças.

Conclui-se que existe uma carência nas escolas sobre essa temática e que nem sempre é exercido o que a lei disponibiliza aos estudantes. Tal situação poderá ser superada por processos formativos de graduação e de educação continuada, grupos de estudos, debates, mostras e relatos de experiências pedagógicas sobre a educação antirracista no cotidiano escolar, em especial direcionados aos docentes. Este é também um compromisso que o curso de pedagogia e a formação universitária deve proporcionar após realizar a investigação que demonstrou o trato ainda superficial do tema central da pesquisa numa sociedade multicultural como a sociedade sinopense.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as observações acerca do objetivo de compreender se existem práticas pedagógicas de uma educação antirracista desenvolvidas nas escolas de Sinop MT e identificar se os educadores e as instituições manifestam a empatia no ambiente escolar, o estudo demonstra que há uma fragilidade pedagógica no que se refere ao exercício e prática de educação antirracista, muito embora haja alguns docentes com profunda clareza sobre a temática.

Ao longo deste estudo, percebemos e compreendemos que ainda existe uma certa dificuldade no âmbito escolar de exercer atividades que valorizam e

externalizam a importância de uma educação antirracista e inclusiva dos povos afrodescendentes.

Observamos que, muitas vezes, os grupos étnicos afrodescendentes somente são lembrados em datas comemorativas, como ressaltou uma professora no decorrer da entrevista. E, quando são lembrados, é de forma superficial. Deste modo, percebemos a ausência desta temática no cotidiano pedagógico dessas crianças. Tal situação pode estar relacionada à formação na graduação e também está diretamente ligada com a falta de uma formação continuada dos educadores e de uma política pública mais explícita de combate ao racismo.

Em contrapartida, o estudo mostrou que existem professores que percebem o quanto é importante trabalhar a diversidade na escola, não só perto das datas comemorativas, mas sim, no cotidiano dessas crianças, trazendo autores, personalidades da mídia no geral que são negros, para suas aulas, bem como exercitando atividades reflexivas e formadoras sobre os processos históricos e sociais da realidade do negro na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete. **Trabalhando a diferença na Educação Infantil**. São Paulo: Moderna, 2006.

CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 12. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 2006. Disponível em:

<https://mizanzuk.files.wordpress.com/2018/02/boris-fausto-historia-do-brasil.pdf>.

Acesso em: 17 de jun. 2021.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *In: Inclusão Social: um debate necessário?* Sítio da UFMG. [s. l.] [s. d.]. Disponível em: <https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59> Acesso em: 11 nov. 2019.

MUNANGA, Kabengele. As facetas de um racismo silencioso. *In: SCHWARCZ, Lília Moritz; QUEIROS, Renato da Silva (Orgs). Raça e diversidade*. São Paulo: Edusp, 1996. p.220-221.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, Marluse Arapiraca dos. **Representações de gênero e raça no Ensino Fundamental**: a construção da identidade do ser “menina negra” e do ser “menino negro”. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador, 2008.

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos internos**: engenhos e escravos na sociedade colonial 1550-1835. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.